



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : : : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE BR

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L. DA ALVARO DE S. SALVADOR, 1-5 • COIMBRA • TELEF.

Biblioteca Geral da Universidade
de Coimbra
COIMBRA

Vitória Tu Reinarás

A cruz era, para os judeus, instrumento de suplício e sinal de ignomínia. Nela, eram condenados os malfeitores, os ladrões. E, para lição de todos, eram os supliciados expostos ao público, junto à estrada, à porta das cidades. Ali agonizavam os desgraçados, aos poucos, à vista dos transeuntes, horrorizados. (Tempos de barbárie, diremos. Mas hoje, afinal, os instintos e requinte não são menores). Não admira, pois, que a cruz fosse odiada, desprezada por todos. Significava crime, tormento, castigo e nada mais.

Cristo santificou a cruz, pendurando nela seu corpo inocente. O sinal de ignomínia deixou de significar castigo, para significar tormento livremente aceite, tormento redentor. Cruz passa a significar Redenção, até no dizer dos próprios judeus homicidas: «Convém que um homem sofra pelo povo». Assim, o ódio e o desprezo pela Cruz dão lugar ao amor, ao respeito. Diz a tradição que a Sacrossanta Cruz de Cristo é recolhida e guardada como relíquia sagrada quando, anos após, é encontrada. Por ela, os cristãos copiam outras que tomam e levam para suas casas. À Cruz, é agora atribuída virtude protectora, libertadora. Segundo a História, é o Céu que confirma esta crença dos cristãos.

Constantino, primeiro imperador cristão, homem preocupado com a defesa do Império, viu um dia aparecer no céu um sinal da Cruz, luminoso, e ouviu estas palavras: «In loco signo vinces» (Com este sinal, triunfarás). Mandou então gravar a cruz no seu estandarte e nos escudos dos soldados. E triunfou dos inimigos.

Também os cristãos, hoje, usam a cruz para obterem segurança, tranquilidade, êxito, protecção na vida. É frequente o cristão traçar o sinal da Cruz ou usar uma pequena cruz ao pescoço. Nada teremos a objectar quando este gesto é acompanhado de fé, fé em Cristo Redentor. Desprovido dela, a cruz pode não se distinguir de um amuleto, e o gesto reduz-se a pura superstição.

Que, pela Cruz, o Senhor nos proteja e nos defenda.

A Festa da PÁSCOA

Já vem do tempo de Moisés, portanto muitos anos, talvez muitos séculos, antes de Jesus Cristo.

No tempo dos Judeus a Páscoa tinha um significado diferente do que hoje tem. Era a comemoração dos prodígios que Deus operou para libertar o povo de Israel da tirania e do jugo dos faraós, reis do Egipto.

Os israelitas viviam oprimidos no Egipto e Deus ordenou a Moisés que fosse falar com faraó para deixar sair o povo. O Rei recusa-se a deixá-lo sair e Deus manda vários castigos — conhecidos na história pelas pragas do Egipto. Nem assim o faraó se resolve. O seu coração con-

tinua endurecido e insensível. Deus ordenou, então, a Moisés que todas as famílias matassem um cordeiro e com o sangue dele fizessem um sinal nas portas. O Senhor passaria de noite e feriria de morte todos os primogénitos dos filhos dos egípcios e pouparia todas as famílias israelitas.

Só então o faraó temeu e tremeu pois nem o filho dele foi poupado.

Chama Moisés e dá-lhe ordem para sair com o povo, com receio de que nem o próprio rei escapasse.

Moisés falou ao povo e uma multidão de quase seiscentas mil

Maria, Mãe de Jesus Ressuscitado

O ódio judaico atirou à morte o Filho de Deus. Não o faria se não estivessem no plano divino, desígnios de salvação do mundo por meio da Paixão e da Morte do mesmo Filho de Deus.

Ninguém lhe tirou a vida, deu-a ele porque quis. Tinha poder para entregar a vida e entregou-a; tinha poder para

reassumir a vida, e reassumiu-a. Entregou-a na Morte de Cruz e reassumiu-a na Ressurreição gloriosa.

Desde a cena trágica do Paraíso Terreal, a morte campeava sem freio nem obstáculo, e engoliu numerosas gerações a partir do dia em que devorou o Justo Abel. Em Cristo encontrou a sua mais nobre presa.

Cristo morreu, Cristo foi sepultado. Ditoso sepulcro que encerrou em si, durante três dias, o corpo dilacerado do Redentor.

Era o primeiro dia da semana. A alma divina do Filho de Deus deixa o limpo. Fazem-lhe cortejo as almas dos justos, que esperava a sua vinda. Entra no sepulcro, une-se ao corpo. Este reanima-se. Levanta-se. Desembaraça-se dos linhos sagrados com que mãos piedosas o tinham amortalhado. As feridas desaparecem. O sangue volta às veias. Dos membros dilacerados pelos flagelos, pelos espinhos, pelos cravos e pela lança, escapa-se uma luz brilhante que ilumina a caverna do sepulcro.

(Continua na página 4)

PARA LER E MEDITAR

A celebração da Páscoa dá sempre motivos aos cristãos de se reunirem, se visitarem e manifestarem a sua alegria.

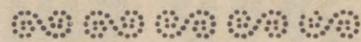
As nossas terras, nesta quadra, regorgitam de gente, da nossa gente que acorre a visitar os seus ou a abrir as portas ao Senhor Ressuscitado. As Boas Festas, tradição cristã, são oportunidade para cumprimentar e receber o Pároco, para receber e beijar a Cruz que passa a santificar as casas. Isto, num clima de verdadeira euforia que transforma os nossos cristãos em verdadeiros autómatos, alheios,

tantas vezes, ao verdadeiro sentido e motivos das alegrias pascais.

A Páscoa é festa antiga, anterior ao cristianismo. Celebravam-na os judeus para comemorar a passagem de um Anjo que lhes veio possibilitar a saída do Egipto. Páscoa, para eles, era sinónimo de libertação.

O cristianismo, religião encher-tada no judaísmo, aproveitou a sua Páscoa, dando-lhe um sentido novo.—O cristão não recorda a libertação do Egipto, pois tem uma libertação maior a celebrar:— a sua libertação pessoal, trazida por Cristo. Assemelhando-se a um cordeiro pascal, Cristo deixou-se imolar por todos e cada um dos homens, afim de os resgatar do pecado, da injustiça, do ódio, numa palavra, da escravidão autêntica.

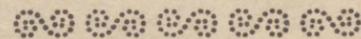
Assim, o cristão alegra-se na
(Continua na página 4)



Boas Festas

A todos os assinantes, leitores, amigos e colaboradores, espalhados pelo país ou pelo estrangeiro, votos de uma Santa Páscoa, cristã e alegre, gozada na companhia dos seus familiares.

VOZ DO SANTUÁRIO



VIDA DO NOSSO JORNAL

É preciso uma grande dose de boa vontade e uma carolice ainda maior para manter os jornais pequenos, como o nosso. As despesas afluem. Calculem os leitores que, só para imprimir os endereços que hão-de fazer chegar os jornais a vossas casas, gastámos o mês passado quatro contos e meio. Isto, a juntar à impressão do jornal, ao despacho e a outras despesas de

redacção. Não estranhem os leitores que tenhamos de lembrar os esquecidos (que devem 1 ou 2 anos), e que tenhamos de fazer guerra aos caloteiros (que devem 3,5 e mais anos). Os que nos fazem o favor (!) de receber o jornal e não o pagam, que se lembrem que estão a ser injustos. Ou paguem, ou devolvam. (Que-

(Continua na página 2)

Leia e assine
«Voz do Santuário»

(Continua na página 4)

A Entrada Triunfal de JESUS em Jerusalém

(Continuado da página 4)

glórias, logo cobrem-nos de impropérios e lançam-nos ao desprezo; aqui tecem-nos, na nossa presença, os mais rasgados elogios, e ali diante, nas nossas costas, desfazem em farrapos o nosso nome, a nossa fama, a nossa reputação.

O povo não tem vontade própria, vai para onde o levam inclina-se facilmente para o lado que lhe for pintado com melhores cores.

São poucos, pouquíssimos, aqueles amigos dedicados que em momentos críticos da vida, em circunstância periclitantes, perante os perigos e ameaças, se conservam firmes na sua amizade, constantes no seu dever, inabaláveis na dedicação inquebrantáveis na lealdade.

Hoje sobre um homem a um lugar de destaque na vida política ou na vida social, é logo rodeado de uma multidão de falsos amigos que o lisongeiaram e adulam, que lhe tecem mil louvores, na esperança de gordas recompensas ou de grandes favores. Mas, se por qualquer circunstância, deixa esse lugar, se decai dessa posição social, ou tais amigos, principiam a debandar, a distanciarem-se visto que se foram todas as esperanças.

Vêm-se agora as coisas e julgam-se as pessoas já com outros olhos, com outras intenções e muitas vezes, destes falsos amigos nascem os próprios e mais temíveis traidores.

Hoje entre vivas e palmas clamam bem alto Bendito o que vem em nome do Senhor, ama-

nhã se for preciso, se as conveniências e os interesses assim o exigirem gritam mais alto ainda: cricifica-O.

A vida traz-nos a cada passo casos desta natureza, tornando sempre actual aquela passagem da vida de Jesus — a sua entrada triunfal em Jerusalém.

P O R A V Ô

Chegou a Avô o «Manelinho»!

Quem não conhece em Avô e arredores o nosso amigo Sr. Manuel Lencastre Campos (assim se chama), filho do Sr. Dr. Vasco de Campos e da Sr.^a D. Maria de Lurdes de Campos Lencastre?

A sua presença em Angola, como oficial defensor da Pátria, sempre na vanguarda, em zonas de perigo, foi de tal modo honrosa e útil à Pátria que o seu Comandante de Companhia o distinguiu com louvores. Não os podemos transcrever aqui porque o espaço é limitado. Mas eles ficaram a atestar para sempre a bravura deste jovem que soube e sabe cumprir o dever mesmo que seja preciso jogar a vida.

A sua chegada a Avô, no passado dia 10 de Março, a população safu à rua a receber e a abraçar o Manelinho, como a um filho. A nossa filarmónica lá estava também. E em casa do Sr. Dr. Vasco decretou-se festa.

Voz do Santuário esteve presente na pessoa do seu redactor que vem, mais uma vez felicitar o Manelinho e sua distinta família e regozijar-se com o seu regresso.

Soubemos, com pesar, do falecimento em Lisboa da Sr.^a Alice Jorge Figueira Afonso, esposa do nosso assinante e amigo Sr. Júlio Afonso da Silva. Unidos à sua dor, enviamos os nossos pesames.

Submeteu-se a uma intervenção cirúrgica, numa Casa de Saúde de Coimbra, o nosso amigo Sr. Armando Dinis Madeira. Alegramo-nos ao saber que se tratava de coisa simples e que o Sr. Armando se encontra já quase restabelecido. As suas melhoras!

Noutro dia, o Sr. Professor Jerónimo Sanches Pinto disse-nos que o Salão Paroquial de Avô devia prosseguir, pois a obra, como está, dá mau aspecto e mau crédito a Avô. E sugeriu-nos que lançássemos uma campanha e enviássemos uma carta aos avoenses de Lisboa a pedir o seu donativo. E o Sr. Professor não só sugeriu, como abriu a «campanha do Salão» com 500\$00. Aqui para nós: bastava que oitenta avoenses (e há-os) o imitassem! Tínhamos o problema resolvido. Ficamos à espera, pois acreditamos no brio dos nossos avoenses. Obrigado, Sr. Professor.

O Carnaval trouxe-nos, de Lisboa, alguns avoenses. Não que o Carnaval da cidade seja menos divertido. Mas os ares de Lisboa saturam e a segurança vai falhando. A nossa terra é, assim, um pequeno paraíso para quem dispõe de um ou mais dias.

Certamente que muitos mais estiveram entre nós. Mas ocorrem-nos ter visto em Avô, nesses

VIDA DO NOSSO JORNAL

(Continuado da página 1)

remos exceptuar as pessoas pobres que nos ponham o seu caso).

E depois deste proémio pouco edificante mas necessário, vamos passar a falar de gente com quem nos entendemos. São eles os nossos amigos que vieram este mês:

Com 50\$00, o Sr. Manuel da Fonseca (avoense em Lisboa).

Com 40\$00, o Sr. António Alves Inácio (avoense em Lisboa).

Com 30\$00, o Sr. António Afonso da Costa (Avô) e o Sr. António Madeira (Pomares) e a Sr.^a Isaura da Assunção Madeira (Pomares), todos residentes em Lisboa.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

Maria dos Anjos (Foz do Moura), António Francisco, Carlos Manuel Carvalho Marques, José Júlio Afonso Moringa, José Moreira da Costa, António da Costa Alfaiate, Manuel Moraes, Fernando do Nascimento, Maria da Conceição Gonçalves, António da Costa Dinis (todos de Pomares, residentes em Lisboa), e a Sr.^a D. Isaura dos Anjos Fernandes (Pomares) e os Srs. Joaquim Pinheiro Afonso (Avô) e João Alves (avoense em Lisboa).

Para pagamento de números atrasados, recebemos 50\$00 do Sr. José dos Santos Dinis, de Pomares.

Pagou-nos ainda 40\$00 para 2 anos o Sr. José Augusto Rodrigues, (da Carvalha-Penalva).

O nosso agradecimento a todos.

ANEDOTA

Dizem que o Senhor se nega a pagar a conta telefónica há meses. É verdade? pergunta o fiscal dos Correios.

— Sim senhor, é verdade e não pago mesmo.

— Mas então que queixa tem o senhor?

— Nenhuma senhor fiscal, pois eu nem sequer tenho telefone algum.

Avô em Marcha

Realizou-se no passado dia 10 de Fevereiro a Assembleia Geral da Sociedade de Defesa e Propaganda de Avô para aprovação do relatório de contas de 1972 e eleição dos novos corpos gerentes. A Sessão teve a presidência o Sr. Engenheiro Manuel Dinis Pinheiro, ladeado pelos Srs. Professor Jerónimo Sanches Pinto, Aristides Gonçalves da Costa e Fernando Bernardo Leitão. Presentes muitos sócios. Após a leitura da acta anterior, falou o secretário da Direcção, Sr. Fernando Leitão, que fez uma análise ao que se fez durante 1972 e apresentou o relatório de de contas: Receita 118.905\$40; Despesa 95.984\$40; Saldo de 22.920\$50. O relatório foi aprovado por unanimidade.

Ficou assente nesta reunião que as festas do Verão em 1973 sejam nos dias 11, 12 e 13 de Agosto.

Em eleição, ficou constituída assim a nova direcção: *Assembleia Geral*: Eng.^o Manuel Dinis Pinheiro (Pres.), Prof. Jerónimo Sanches Pinto (Vice-Pres.), Carlos dos Reis Gomes e António Alves da Costa (Secret.^{os}), Fer-

nando Almeida Gonçalves e José dos Santos Tavares (vogais). *Conselho Fiscal*: Manuel Dinis Dias Júnior, Arnaldo da Costa e Jaime da Costa Gomes. *Direcção*: — Fernando Bernardo Leitão (Pres.), António Afonso da Costa (Vice-Pres.), Aristides Gonçalves da Costa (secret.), Augusto Manuel Albergaria Pereira (Tes.), Nelson Águas, António Peixoto da Silva Gonçalves José Antunes Lourenço, Armando Faustino e José Quintino da Costa (vogais). *Direcção em Lisboa*: Eduardo Soares de Albergaria (Pres.) Manuel da Costa Gonçalves (Secret.), José Inácio da Silva (Tes.), António Alves Inácio, Armando Mendes Alves, José Dias e Júlio Afonso da Silva (vogais).

ANEDOTA

No comboio

O seu bilhete é de terceira, cavalheiro.

— Já sabia!

— Sim? Então como é que viaja em primeira classe?

— Optimamente, obrigado.

Carta a um Soldado

(Não valerá pela forma, a presente carta. Mas vale bem pelo conteúdo. Enquanto os inimigos da Pátria falam em deserção, as mães portuguesas, como esta da Barroja, incitam os filhos ao cumprimento do dever).

*Meu filho, vou-te escrever,
É cá de longe, não faz mal,
Cumpre bem o teu dever.
Para defenderes Portugal.*

*Páis de rios e serras,
Portugal é terra bendita,
Há no mundo muitas terras,
Mas nenhuma há, tão bonita.*

*Não te esqueças, meu filho,
Que deves ser um bom soldado;
Precisas ter muita fé
E Deus, sempre, a teu lado.*

*Procura ter coragem
Nessa vida, que dura é.
Hás-de voltar, meu filho,
Em Deus tenho fé.*

*Todos os dias, com devoção,
Rezo à Senhora da Saúde,
Para que cumpras tua missão
E para que Deus te ajude.*

*E, com esta fé em Deus,
Não deixo já de pensar
Na alegria que vou ter
Quando, meu filho, te abraçar.*

*Por agora não te digo mais.
Adeus. Aceita beijos
De tua mana e teus pais.*

(Barroja, 1973)

AQUI POMARES

Tem estado entre nós o Rev.º P.º Manuel Cintra, ex-pároco desta freguesia de Pomares. Um pouco desanimado da vida paroquial, bastante espinhosa, e com a saúde abalada, o Rev. P. Cintra deixou Pomares e ingressou na vida militar, onde é, presentemente, tenente capelão. As licenças que teve veio gozá-las todas a Pomares, terra que ele amou e onde deixou dez anos de vida sacerdotal, numa doação e zelo totais. No dia 26 de Março o P. Cintra deu entrada no Campo de manobras de Santa Margarida, para treino militar. Dentro em breve, seguirá para o Ultramar. Pomares que o aprecia e lhe está grato, embora não lho tenha manifestado tanto quanto era possível, agora, que o vê partir, deseja-lhe as maiores felicidades e êxitos na sua nova missão.

Regressou de Moçambique, onde esteve a defender a Pátria, o jovem soldado João Nunes Basílio, filho do Sr. José Basílio e da Sr.ª Maria Arminda Nunes, de Pomares. Chegou no dia 17 de Março a Lisboa, onde seus pais o foram esperar. Veio bem, felizmente, e alegre por ter cumprido, com galhardia, o seu dever.

Recebemos, para a igreja de Pomares, a importância de 100\$00, oferecida pela Sr.ª D. Ilda Marques Ribeiro, residente em Lisboa. No mesmo dia, em cumprimento de uma promessa a S. Sebastião, recebemos 150\$00 da esposa do

Sr. José Júlio Afonso Moringa nosso assinante, também residente em Lisboa. O nosso agradecimento.

A desobriga quaresmal na nossa freguesia foi nos dias 22 e 23 de Março. Estiveram presentes 4 sacerdotes, tantos quantos há nesta vasta zona, párocos de Moura da Serra, Alvoco de Várzeas, Vila Cova de Alva e Vide. Confessaram-se algumas centenas de pessoas. No segundo dia, consagrado às almas, cantaram-se ofícios e sufrágios pelas Almas do Purgatório.

No dia 4 de Março, na igreja de Pomares, foi baptizada a menina Célia Cristina, filha do Sr. Crisógono Barbosa Gama e de Maria Fernanda da Silva Neves. Foram padrinhos o Sr. António Carlos Moura Ferreira e sua esposa D. Maria Georgete Natividade Marques. Felicidades ao bebé.

No dia 3 de Março, uniram os seus destinos, na igreja de Pomares, os noivos António Pereira, filho do Sr. Américo Pereira e de Arminda da Conceição Pereira, e Glória Maria Carvalho Marques, filha do Sr. António Marques e de Celeste de Jesus Carvalho. Testemunharam o acto o Sr. Carlos Manuel Marques e esposa e o Sr. Manuel da Conceição Pereira e esposa. Ao jovem casal, que julgamos bem formado e preparado para a vida, desejamos as maiores felicidades.

Sorgaçoza

No domingo, 18 de Março, à saída da missa, tivemos oportunidade de conhecer e cumprimentar os membros da Comissão de Melhoramentos de Sorgaçoza. Perguntaram pela sua festa. Ela tinha já sido marcada pelo Sr. António Castanheira para o dia 11 de Agosto. Se Deus nos der vida e saúde, lá estaremos.

Casou na igreja de Pomares, no dia 18 de Fevereiro, o Sr. Armando Lopes José, filho do Sr. António José e de Benvinda Lopes, com a menina Maria Lucinda de Jesus Francisco, filha do Sr. António Augusto Francisco e de Marcolina de Jesus, da Sorgaçoza. Foram testemunhas os Srs. António Francisco e Carlos Ferreira Nunes Pereira, com suas esposas. Parabéns e felicidades aos jovens esposos.

Agroal

Após prolongado sofrimento, faleceu na sua residência, em Lisboa, o Sr. Henrique Castanheira Dinis. A sua morte foi muito sentida por todos os agroalenses, pois o Sr. Henrique era pessoa dotada dos melhores sentimentos. Deixa viúva a Sr.ª D. Ester dos Santos Dinis. Era pai do Sr. Humberto Henrique Dinis. O corpo do desditoso defunto, que contava apenas 59 anos, foi trazido para Pomares, no dia 21 de Fevereiro, levado à igreja paroquial, onde teve missa de corpo presente, e sepultado no nosso Cemitério. À família enlutada apresentamos sentidos pêsames.

Encontra-se a passar uns dias junto de nós o Sr. Anibal Quaresma, com sua esposa D. Assunção Figueiredo Quaresma.

Fizeram anos no passado mês de Março, no dia 10, a menina Lucrécia Maria Madeira; no dia 20 a menina Amélia da Conceição Madeira. Os nossos parabéns.

Barroja

Veio fazer uma visita a seus sogros e pais o Sr. Albertino Duarte da Cruz Boto, seu filho Serafim Pereira, sua esposa Fernanda da Cruz Henriques Pereira e sua filha Ana Maria Henriques Pereira.

Fez no passado dia 8 de Março, anos o Sr. Manuel Pereira, natural da Barroja, residente em Lisboa. Parabéns.

Alvoco de Várzeas

Casamento — A 24 de Fevereiro, consorciaram-se José Morais de Figueiredo, residente em França, filho de António Dias Figueiredo e de Cristiana da Fonseca Morais, com Maria Isabel da Cruz Moreira, filha de Alberto Pinto Moreira e de Rita Mendes da Cruz. Foram padrinhos do noivo, José Morais Dias da Cruz e sua esposa, D. Irene Tavares de Campos, e da noiva, Valdemar Manuel Baptista Antunes e sua esposa, D. Maria Adelaide Baptista Semião.

Falecimento — A 9 de Fevereiro, faleceu Adelino Marques, do Parente, com 74 anos. Era casado com a Sr.ª Maria dos Anjos. A família enlutada agradece a todos os que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

S. Sebastião da Feira

Baptismos — A 1 de Janeiro, Lina Maria, filha de José Pereira Alves e de Maria da Glória Ferrão.

A 27 de Janeiro, Fernando Jorge, filho de Jorge de Sousa e Costa e de Irene da Conceição Marques Dias.

Falecimento — A 27 de Janeiro, faleceu Maria da Conceição, de 87 anos, viúva de José Mendes.

Festa — Como vem sendo tradição no dia do padroeiro S. Sebastião celebrou-se a sua festa. Tudo decorreu na melhor ordem, apesar das fatalidades que atingiram alguns mordomos, inibindo alguns de dar o seu concurso. Os deste ano e os dos anos transactos deliberaram com o lucro das festas, adquirir uma aparelhagem sonora para serviço paroquial. A união faz a força e todas as boas vontades conjugadas podem ir mais longe e mais além.

Anedota

Senhor doutor, tenho que vencer o meu marido de que precisa de uma longa cura de água...

— Então minha senhora, que doença é que prefere ter?...

Aldeia das Dez

Nem sempre conhecemos o que se vai passando por Aldeia, dado o facto de residirmos fora e não termos correspondentes que nos informem. Pedimos desculpa.

No dia 4 de Março foi baptizado na igreja de Aldeia das Dez o menino Nuno Luís, filho do Sr. Agostinho Martins Monteiro e de Maria da Conceição Pereira Martins, do Avelar. Foram padrinhos o Sr. José Mendes Pereira de Sousa e sua esposa Maria Aurora Mendes Tavares de Sousa, de Alvoco de Várzeas. Felicidades ao bebé.

A desobriga geral dos nossos cristãos realizou-se nos dias 26 de Março (em Vale de Maceira) e 27 de Março, na igreja paroquial. Os sacerdotes presentes foram poucos, porque mais não há nesta zona. Confessaram-se muitos fiéis.

Faleceu no passado dia 13 de Fevereiro, em Aldeia das Dez, o Sr. Vasco Dias. Era solteiro e contava 61 anos. Foi sepultado no dia seguinte, no cemitério local.

Faleceu nesta freguesia, no passado dia 26 de Março, a Sr.ª Maria Máxima Dinis Hall, que morava no Cimo da Ribeira. Trazida à igreja paroquial, onde teve missa de corpo presente, a desditosa senhora foi, depois, conduzida, com grande acompanhamento, ao cemitério local.

Era esposa do Sr. Carlos Pais Quintino e mãe dos Senhores Manuel Dinis Pais, António Dinis Quintino e Henrique Dinis Quintino. À família enlutada, as nossas condolências.

No dia 19 de Março, no Cimo da Ribeira, faleceu a Senhora Cesaltina Alves Quintino, com 70 anos de idade. Com grande acompanhamento foi conduzida, no dia imediato, ao cemitério de Aldeia. A senhora Cesaltina era esposa do Sr. António Pais Quintino e mãe da Sr.ª D. Celeste Alves Quintino dos Santos a quem apresentamos as nossas condolências.

Gramação

(Da nossa correspondente na Gramação recebemos as notícias que a seguir publicamos. Estamos-lhes gratos e esperamos que continue a informar-nos).

«Estiveram a passar o Carnaval com as suas famílias o Sr. Armando dos Anjos Lopes, sua esposa e filha Isabel Maria Castanheira Lopes e sobrinha Maria João da Costa Castanheira; estiveram, ainda, os jovens Victor Manuel da Assunção Pereira e Manuel da Fonseca. Regressaram já, novamente, a Lisboa. Desejamos-lhes muitas felicidades.

Encontra-se doente, na Gramação, a Sr.ª Adelaide de Jesus Roque. Que Deus lhe dê rápidas melhoras.»

Assinaturas pagas

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

António Ferreira, Aldeia de Nogueira; António da Silva, Quinta da Madalena; Henrique dos Santos, Lisboa; Adelino Lopes Mendes, Alvoco de Várzeas; D. Maria Filomena de Jesus, Córças; José das Neves Madeira, Lisboa; D. Maria do Carmo de Jesus Carlos Henriques, Lisboa; José Moreira, Lisboa; Serafim Mendes da Costa, Aldeia das Dez; Francisco Mendes Dinis, Oliveira do Hospital; Dr. Carlos Gomes, Oliveira do Hospital.

Com 25\$00 pagaram D. Maria Preciosa Gil Figueira, Vide; e D. Maria Manuela da Fonseca Nobre, Coimbra.

Com 40\$00 António Lourenço Azevedo, de S. Vicente da Beira, e por seu intermédio pagaram os senhores José Ambrósio e

D. Maria Carminda Varanda, ambos de S. Vicente da Beira.

Com 40\$00 também D. Fátima do Carmo Marques Marcelino, Merujais; Joaquim Moreira, de Canas de Senhorim; José Mendes Duarte, Lisboa. Com 45\$00 Armando Gonçalves, Chão Sobral.

Com 50\$00 Sr. Cónego João da Costa Antunes, Lagos da Beira; Manuel Francisco Fernandes, Cide-Vide; António Castanheira, Pomares; Francisco Nunes Ventura, S. Gião.

Com 60\$00 D. Floripes de Campos Tavares, Alvoco de Várzeas.

Com 100\$00 Alberto Fontes, Coucedeira; Amílcar Gonçalves Luanda; Manuel da Costa, Tapada-Ceira.

Pagaram ainda a sua assinatura José Lourenço Mendes, Tapado; e Armando Mendes Correia, Vale de Maceira.

MARIA, MÃE DE JESUS RESSUSCITADO

(Continuado da página 1)

O corpo do Senhor atravessa a pedra selada pela autoidade pública.

Reina o silêncio da noite que está quase a terminar. Jesus sai do sepulcro, vivo, glorioso, imortal. Aquela saída através do sepulcro, que ficou intacto e selado, foi o grande pontapé na morte. Ela que atingiu Jesus, foi vencida por Jesus. Ceifa todas as gerações, mas há-de sofrer derrota universal na ressurreição da carne que professamos no Credo.

Ainda nenhuma criatura mortal tinha visto Jesus ressuscitado. Maria Santíssima foi a primeira. Num momento, o corpo glorioso do filho de Deus, ágil como o pensamento, coloca-se junto da Virgem Mãe. Ele é o Filho de Deus, igual ao Pai enquanto Deus, mas é também o Filho de Maria, e da nossa raça.

Era natural as primeiras alegrias da ressurreição fossem para aquela que assistiu às amarguras do Calvário, às atrocidades da crucifixão, às angustias da agonia, ao transe da morte, à queda no silêncio da sepultura. Não foi em vão que o Divino Missionário disse na Última Ceia aos discípulos queridos: Vós estais tristes, mas a vossa tristeza há-de converter-se em gozo.

Maria foi Rainha dos Mártires, Mãe das Dores, Mãe lacrimosa; mas o seu martírio e dores e lágrimas transformaram-se em gozo, quando Jesus lhe apareceu a brilhar como o sol.

A língua humana não pode exprimir, nem a inteligência humana pode pensar os eflúvios de amor que transbordavam do Coração de Jesus para o Coração de Maria, e do de Maria para o de Jesus naquele momento sem igual do primeiro encontro.

Na história de Santa Teresa de Jesus, uma das mulheres mais célebres da história de Igreja, há um traço que bem merece ser conhecido de quantos amam de veras Maria Mãe de Deus e Mãe nossa.

Jesus, em revelação particular, descreveu àquela alma de eleição esta cena de maravilha: A Virgem depois da morte de Jesus encontrava-se num estado

de prostração tão profunda, que esteve prestes a sucumbir ao seu martírio. Quanto se lhe mostrou depois de sair do túmulo, ela teve necessidade de uns momentos para voltar a si antes de se encontrar em estado de saborear tal alegria. E na mesma revelação, o Senhor acrescenta que foi necessário prolongar a sua presença junto dela durante bastante tempo.

Nós nos amamos Maria Rainha dos Mártires, aquela que sacrificou por nós o seu Filho bendito, associemo-nos à sua alegria. Para tanto é indispensável que brilhe na nossa alma a luz da fé, e sintamos a aquecer os nossos corações a chama do amor de Deus.

SENHORA DAS PRECES

== A GRANDE ROMARIA DA BEIRA ==

Realiza-se no primeiro domingo de Julho
— 1 de Julho. Mas a véspera, 30 de Junho,
também é festa.

*Virgem Senhora das Preces,
Pequenina e airosa,
Vai gente de muito longe
Para ver tão linda rosa.*

E VAI MESMO.

A Festa da Páscoa

(Continuado da página 1)

sobre as águas do mar e imediatamente as águas se dividiram, formando um largo canal por onde todos os israelitas puderam passar a pé enxuto.

Quando todos já estavam salvos do outro lado do mar, a um novo sinal de Moisés, as águas juntaram-se novamente e sepultaram no fundo do mar os exércitos do faraó que queriam aproveitar aquela passagem para continuar a perseguição dos israelitas. Só então é que o povo de Israel ficou livre, e pode continuar a sua viagem.

A palavra Páscoa quer dizer passagem e era para comemorar a passagem do Senhor e a passagem do Mar Vermelho, ambas realizadas no meio de grandes prodígios, que os judeus celebravam a sua Páscoa.

Para os cristãos a Páscoa tem outro significado mais alto, mais sobrenatural, mais divino: é a comemoração da ressurreição do Senhor.

A Páscoa dos judeus era uma festa de acção de graças que era celebrada de geração em geração, para comemorar a sua libertação do cativeiro do Egipto. A Páscoa dos cristãos é também uma festa de acção de graças pela nossa libertação do cativeiro do pecado.

Páscoa — passagem de Cristo da vida à morte; da morte à vida e do mundo ao Céu.

Páscoa — ressurreição do Senhor, penhor da nossa ressur-

reição, fundamento da nossa Fé, e da nossa esperança.

Para Ler e Meditar

(Continuado da página 1)

Páscoa por sentir nela o seu resgate: ele foi comprado, com sangue, ao poder infernal.

O cristão alegra-se na Páscoa ainda, e sobretudo, porque o grau de libertador, Cristo, com a sua morte, não ficou vencido, aniquilado. No cristianismo não há verdadeiro luto, pois Cristo triunfou da morte. Aqui reside a grande alegria da Igreja. Páscoa é libertação. Mas, mais que isso, é Ressurreição, triunfo, a atestar a divindade do nosso libertador.

Os cristãos cantam aleluias. Ouvem-se por aí a cantá-las, à desgarrada, até nos trabalhos. Saberão porque as cantam? Saberão porque se alegram? Compreenderão todo o significado da Páscoa?

Creemos que é preciso entender a Páscoa para a viver no íntimo da alma. Sem isto, sujeitamo-nos a centrar as nossas alegrias e a nossa Páscoa, como tantos, no superficial, naquilo que pode ser tudo, menos Páscoa cristã.

HINO PASCAL

*Os cristãos cantem louvor,
Na Páscoa do Redentor.
Jesus divino Cordeiro,
Morrendo deu-nos para sempre,
Paz com Deus omnipotente
Remiu o rebanho inteiro.*

*Combateram vida e morte.
Venceu a vida: que sorte
Num duelo sem igual.
Teve a história suprema,
o capitão da vida eterna,
Jesus, a vítima pascal.*

*— Diz-nos Maria o que viste.
Conta bem o que sentiste,
Nesta manhã triunfal.
— Vi anjos, de alvor celeste,
E o sudário que foi veste
De Jesus, vivo imortal.*

*Vi o túmulo aberto,
Vi o Senhor muito perto
Está vivo e glorioso.
Vi a mortalha dobrada
A luz da nova alvorada
Deste dia, o mais formoso.*

*Cristo ressuscitou;
E a nova esperança firmou,
Ficando a fé bem cumprida.
Ele segue à nossa frente,
Abrindo p'ra todo o sempre
Novos caminhos à vida.*

*Foi aos mortos; e já veio,
Conheceu da morte o seio;
E fez p'ra nós este dia.
Ó rei da grande vitória
Dai-nos a misericórdia
Para sempre. Aleluia.*

Um Altar para Aldeia A Entrada Triunfal de JESUS em Jerusalém

Sempre que celebramos missa em Aldeia, de costas para o povo, temos a sensação de estarmos ultrapassados, velhos. É que as coisas mudaram e isto já não se vê em igreja nenhuma, creio eu. O que mais entristece, porém, é o ritmo lento desta campanha, ia a dizer a indiferença da nossa gente que assiste à missa. Diziam-me, há pouco, em Aldeia, que poucos assistem à missa ao Domingo. Talvez por isso se julguem dispensados de ajudar o Altar da sua igreja. Compreende-se, embora não se aceite. Mas os que vêm? Que esses não se decidam a ajudar, nem se compreende, nem se aceita.

Alguns têm dito que não regatearão a sua dávida quando lha formos pedir à porta. Há pessoas assim, cruéis na sua generosidade. Não sabemos que gosto têm de ver os outros a mendigar. Se fossemos a suas portas, (não temos estômago para isso) antes de darem ainda eram capazes de nos exigir: «reze primeiro». Não. Os tempos que

correm não são de mendicidade. Muito menos quando as causas são justas. Se as pessoas entendem que não têm deveres para com a igreja parquial da sua terra, casa que é de todos, nós entendemos, com mais razão, que não temos o dever de nos tornarmos mendigos por uma causa que, só acidentalmente, é nossa.

Entretanto, o cortejo das pessoas compreensivas e generosas continua (e continuará, temos fé). É a vez de agradecermos hoje aos sócios Sr. António de Oliveira Madeira e Sr. Manuel Mendes o seu donativo de 500\$00 e mais ao Sr. Serafim dos Santos Gabriel, em Lisboa, que mandou 200\$00; e à Sr.^a Maria Purificação dos Santos, em Corroios, com 40\$00; e ao Sr. Feliciano da Costa, em Tábua, com 50\$00.

Tínhamos 3.930\$00; ficamos com 4.720\$00. Bem hajam estes amigos. E apareçam outros que queiram ter a sua migalha no nosso Altar.

O Pároco

A fama da vida prodigiosa de Jesus encheu as aldeias e cidades da Galileia e da Judaica, transpôs fronteiras e correu por toda a parte. A Ele vinham numerosas multidões: uns pela novidade da doutrina, outros pela esperança de serem beneficiados, outros pela curiosidade de ver e ouvir aquele que falava também e que fazia milagres.

Soubera-se na cidade de Jerusalém que Jesus se dirigia para lá com os seus discípulos, para aíco memorar as festas da Páscoa.

O Povo saiu-lhe ao encontro, recebeu-o entre as palmas e vivas levou-o em triunfo até ao templo. Bendito seja o que vem em nome do Senhor gritavam todos, como se naquela hora entrasse o seu tão desejado libertador.

Havia, porém, no meio da multidão alguém que não via com bons olhos aquelas manifestações e aquelas honras prestadas a Jesus Cristo — eram aqueles que tinham jurado vingar-se dele e que lhe tinham planeado a sua morte.

Ao verem o povo em delirantes aclamações, diziam uns para os outros: temos tudo perdido. Todos o aclamam, todos o seguem, que vamos nós fazer? E aqueles vivas, aqueles louvores, aquelas palmas eram um ultrage às suas pessoas, eram espinhos que se cravavam nos seus corações endurecidos. Mas não desanimaram — os filhos das trevas são teimosos e constantes nos seus sinistros projectos — e, passados apenas quatro dias, aquele povo que o recebeu triunfalmente no meio de cânticos e de vivas pedia agora para ele a pena de morte: crucifica-O.

— Nós temos uma lei segundo a qual ele deve morrer.

Quem se poderá fiar nos louvores dos homens?

Hoje louvam-nos, amanhã insultam-nos, agora enchem-nos de

(Continua na página 2)